

Padre Horácio

ESTAVA combinada para hoje, 9 de Maio, a nossa reunião no Tojal. A vida em cada Casa do Gaiato é absorvente. A nossa idade quebra-nos a energia. Tenho sido muito descuidado neste ponto. Quase sempre era o Padre Horácio quem lembrava e insistia: «Olha a nossa reunião! Parece-me que desta vez devia ser na Casa tal...!» Ele, cioso da nossa união e fautor dela mais do que ninguém!

Juntando a «bagagem» para a dita, tinha posto num envelope cartas com ressonâncias dos seus escritos, para lhe entregar. Entre elas, uma de um Pároco jubilado de cidade nortenha, com a sua partilha quaresmal e «o vosso trabalho é maravilhoso testemunho do amor a Cristo nesta sociedade egoísta e consumista». Quanto nos conforta a amizade e confiança de Irmãos no Sacerdócio!

Outra, de um Amigo, tão alto na sua posição social como na modéstia com que nos tem feito chegar altíssimas quantias: «Os artigos do Padre Horácio são invariavelmente chocantes, pelo que não podemos ficar-lhes indiferentes. Daí que se tiver o seu acordo (a carta era-me dirigida), o pequeno contributo que anexo, se destine a ajudar a resolver ou a minorar os muitos problemas do senhor Padre Horácio. E uma vez mais muito obrigado pelo vosso exemplo, pelos 'safanões' que nos dão e pela oportunidade que nos proporcionam de ajudar os Outros».

O GAIATO foi sempre e nestes últimos anos predominantemente missão que assumiu. Quando a primeira trombose o limitou bastante nos movimentos (só nisso, graças a Deus!), nunca se dispensou da obrigação de colaborar no Jornal. Chamava um «secretário» e ditava-lhe.

Nem uma quinzena faltou! E, habitualmente, era ele o primeiro a apresentar o seu contributo, sem necessidade de qualquer lembrança.

O problema da Habitação dos Pobres fica-lhe a dever vida renovada nas páginas do Famoso — tal qual acontecera a Pai Américo nos seus últimos tempos, de clara predilecção por este tema.

Contudo, os seus princípios de «jornalista» foram um nadinha mais difíceis. Não experimentou, como eu, o despacho de rejeição: «Só sai quando o 'Zé da Lenha' entender». Mas Pai Américo achava-lhe uma tônica demasiado negativa, ele que entendia que as más notícias deviam ser sempre temperadas por algo que abrisse expectativas melhores. (Este compasso binário é característico em Pai Américo: denúncia do mal acompanhada

Continua na página 4

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Notícias cheias de Esperança

COM muitas notícias tristes e preocupantes que nos chegam, vêm também algumas que são testemunhos de vidas dedicadas e sacrificadas pelo bem dos Outros, preocupados com as situações desumanas em que vivem e procurando fazer tudo o que está ao seu alcance e inquietar para o bem os que, muitas vezes, parecem instalados na vida.

Hoje, vamos publicar algumas dessas mensagens para despertar adormecidos:

«Eu e meu marido acompanhamos, como se de filhos se tratasse e desde há doze anos, uma pobre mulher de quarenta e dois anos que vivia doente, há doze, com quatro filhos menores e o pai dela velhinho e também doente.

Não tinha direito a nada da Segurança Social porque o falecido marido nunca descontara para isso.

É educada, séria, boa mãe e boa filha, mas sem recursos, além dos que as boas almas lhe oferecem. Nós pedimos por todo o lado para que o mínimo, humanamente exigível, não lhes falte.

Vive numa espécie de casa sem portas, sem água, sem casa-de-banho e espaço — e emprestada.

Desde há cerca de dois anos eu e meu marido deitámos mãos à obra e, pedindo, começámos a construção de uma pequena casa com o mínimo de condições dignas, para estas seis pessoas que a sorte parecia desprezar. Está em fase de conclusão.»

Doze anos de dedicação e sacrifício, tendo-os como filhos. Agora, alegram-se com o seu esforço e dedicação e dão testemunho da dedicação de muitos a quem recorreram e corresponderam à sua iniciativa.

OUTRA: «Construímos uma casa para família numerosa. A casa onde viviam foi devorada pelo fogo. O

marido, além de não trabalhar, é alcoólico. Ocupavam uma casa cedida provisória e graciosamente — que lhes emprestaram. A comunidade paroquial foi alertada para esta situação e pôs mãos à obra. Falta só a telha. Com a nossa ajuda, o chefe de família, alcoólico, está em recuperação.»

A família paroquial procura fazer habitação decente e a promoção da família.

MAIS OUTRA: «Esta paróquia possui casas de habitação — do Património dos Pobres — bastante degradadas e a necessitarem de obras urgentemente. Estamos a fazer tudo para as reestruturar e torná-las em condições de serem habitadas.»

A restauração de muitas casas do Património dos Pobres é uma iniciativa urgente. Esta paróquia está atenta, é realizadora, e há muitas outras nas mesmas circunstâncias. Esperamos que sim.

Padre Horácio

NOTA DA REDACÇÃO — Eis o último trabalho que saiu das mãos do nosso Padre Horácio, sobre o Património dos Pobres.

Ainda nos telefonou — por mor dele. Não tinha em mãos, para nos enviar, fotografia alusiva ao contexto. Aliás, já no próprio original dera o recado:

«Querido Júlio Mendes: Com um abraço e votos de boa saúde, vai o Património dos Pobres. Não vai foto, pois não tenho uma jeitosa. Ai, deves ter. Será uma habitação oferecida a família pobre — obra do Povo; ou casas do Património dos Pobres desprezadas. Vê, tu. Obrigado.»

Sempre metódico. Cumpridor da sua obrigação moral de transmitir aos Leitores boas novas de nossas



Os mais pobres vivem assim!

Casas ou as carências dos Pobres que desejam um lar condigno.

Por curiosidade, passámos agora os olhos pela primeira nota que escreveu n'O GAIATO, o n.º 176, de 25 de Novembro de 1950, com o título *Tribuna de Coimbra*, na qual referia que a irmã Morte batera à porta do nosso «Zé Brio», fechando com um lamento: «Coimbra está muito esquecida da Obra da Rua! E, contudo, foi ela a Mãe. Pôs-se a olhar para o Porto e para Lisboa e quase parou (...)» — afirmou, naquele tempo.

Enfim, foram quase cinquenta anos de presença assídua, activa, nas colunas d'O GAIATO!

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

HABITAÇÃO — Alguns Pobres, com reminiscências de vida passada nos barracos, apesar das nossas advertências, negligenciam a conservação das casas que habitam. Outros, porém, procuram acompanhar o tempo. E ficam radiantes quando podemos investir em reparações — que ficam sempre caras aos nossos Leitores.

Pelas obras que fazemos em lares vizinhos, um doente alcoólico está agora ansioso, por elas, em sua moradia. No entanto, por razões de ordem pedagógica terá que esperar...

Curiosamente, chegou a vez de uma viúva ter o que sempre desejou: água quente e fria na casa-de-banho e na cozinha — sempre muito limpa! Acabada a empreitada que mexeu todo o prédio, ora mais airoso, a pobre mulher ri d'alegria: — *Nunca tive uma casa assim...*

Que dizer de um outro, solteirão, a caminho dos oitenta, que se dispôs a convidar amigos e vizinhos para verem a primavera em seu lar...!?

Que dizer, por fim, da solução para um *acamado* — vítima de incontinência? Enquanto o prédio estava em obras, desimpedimos uma janela do seu quarto sobre o Vale do Sousa — por causa do mau cheiro...! E, também, para alívio do sobrinho que dele trata, um bom samaritano!, pois coabita na mesma divisão.

PARTILHA — Uma «mígalhinha» do assinante 11373, residente «na cidade mais alta de Portugal, a Guarda, ligada às Beiras, à Serra da Estrela. Vai um cheque de cinco mil. É pouquinho, porque a doença, a fome, a guerra atravessam todo o Mundo. Por isso, temos de partilhar com outros irmãos que choram as suas próprias amarguras».

Leiria: «Mais uma mígalhinha para os vossos Pobres. De mim, assinante 49610, de minha mãe, assinante 47307, e uns pôzinhos mais de um amigo» — vinte contos. «O Senhor vos ajude nessa missão de bem-fazer aos mais carenciados. Nós ajudaremos sempre que pudermos, mesmo aos pouquinhos.»

Trinta, da assinante 6670, de Eirós (Quinchães) — «para os Pobres».

«Com a fraternidade de sempre», cinquenta, do assinante 32986, do Porto.

Senhora da Hora: «O pequeno contributo, da assinante 57002, referente ao mês de Abril. Pequena lembrança que poderá minorar as dificuldades de uma família».

Mem Martins: «Uma pequenina quantia em cheque para ser encaminhada onde for mais necessária, feita com muito

carinho» — acentua a assinante 66349.

Uma parte dos «samaritanos(as)» sugerem que não acusemos recepção! Como esta, assinante 14708, de Minde, que destina o óbolo «para alguns medicamentos dos Pobres». Hoje, liquidámos 60.000\$00 na farmácia!

O costume, em vale do correio, «da velha amiga 'uma portuense qualquer', oferta relativa aos meses de Maio e Junho».

Outra Amiga, de Setúbal, «Avó dos cinco netinhos», presente «com pequena lembrança de Março, e todo o carinho e amor».

O assinante 20909, de Leça da Palmeira, passa todos os anos por aqui e traz, na mão, o cheque para os Pobres — com alegria estampada no rosto.

A nova assinante 71731, do Porto, também com um cheque, afirma: «Melhor do que eu saberão como o utilizar».

Passamos a Lisboa: O assinante 48250 põe suas contas em dia, n'O GAIATO, «e o excedente é para ajuda dos mais necessitados. Peço desculpa de ser insignificante».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

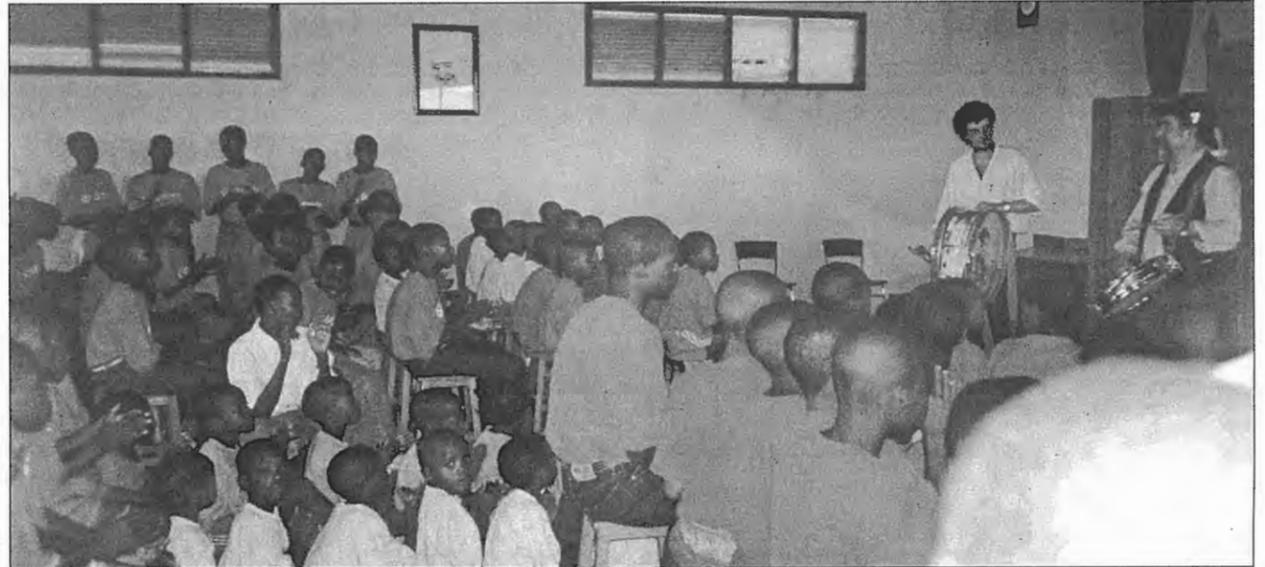
O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 -373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

FESTAS — Já lá vão três apresentações e tudo tem corrido bem.

A segunda, foi em Paço de Sousa, no Salão Paroquial. A



Moçambique: festa no salão.

plateia teria cerca de trezentas pessoas. Receberam-nos com muito entusiasmo, muita alegria.

A terceira, em Valbom (Gondomar). Presentes à volta de 830 espectadores que nos acolheram com entusiasmo e apreciaram o nosso programa.

Agradecemos às pessoas que se têm preocupado connosco e oferecido muitos mimos.

Eis o resto da digressão:

20 de Maio, 15h, Salão Paroquial de Valongo;

27 de Maio, 21h, Salão Paroquial de Rio de Moinhos (Penafiel);

2 de Junho, 21h, Salão do Colégio de Santa Teresa de Jesus, Santo Tirso;

9 de Junho, 21h, Salão Paroquial de Ermesinde.

GREGORIANO — A professora Ana, cada vez mais segura, recomeçou as suas aulas porque ela sabe que nós

somos capazes de avançar no estudo do belo canto.

Melão

HORTA — A cebola está a crescer. E a colheita do ano passado já acabou.

A alface também está grandinha. A verdade é que a malta gosta muito de boa salada.

EXCURSÕES — Diariamente, recebemos muitas delas, especialmente de Escolas ou estabelecimentos similares ou trazem sempre coisas de interesse para nós.

Nos fins-de-semana o movimento é muito maior. A nossa Aldeia parece uma romaria, com visitantes de todos os pontos do País.

PORCOS E VACAS — Aqueles, estão grandes e gordos. Serão para abater com destino às refeições da Comunidade.

Aquelas, dão muito leite, de que a gente gosta na hora do pequeno-almoço.

Os vitelos crescem cada vez mais! Felizmente, não lhes falta de comer!

CONTENTOR — Despachámos mais um, para a Casa do Gaiato de Moçambique. Era tão grande, que as patas quebraram...! Houve que pedir à empresa transportadora a remessa de duas máquinas para levantar o dito. E, também, duas gruas para esse efeito. Daí para a frente, tudo correu bem. Levou tudo o que foi possível: artigos alimentares, etc., e um abraço de nós todos!

BATATAS — Os trabalhadores do campo continuam a semeá-las porque as que estavam guardadas no celeiro não tardam a acabar. É um bom tubérculo para as refeições da Comunidade.

FUTEBOL — Os júniores defrontaram o Leça Futebol Clube. Vencemos por 5-3. O jogo correu muito bem. E o adversário foi correcto em todo o sentido.

Precisamos de equipamento futebolístico: chuteiras, bolas, etc. Temos, agora, mais do que

uma equipa em funcionamento. E tudo isso gasta muito material...!

Filipe David

DESPORTO — A NOSSA PREOCUPAÇÃO — O Grupo Desportivo cresce a olhos vistos. Os mais velhos, com uma agenda sempre cheia, não têm mãos a medir. Ainda agora jogaram com os júniores do Futebol Clube de Leça, e, como não podia deixar de ser, ganhámos. Ao intervalo estávamos a perder, mas com o refrescar da equipa o resultado final foi a nosso favor.

No que diz respeito aos iniciados, tem sido uma faturinha de jogos! Jogaram com os seguintes clubes: Paredes, Salgueiros, Penafiel, Boavista, Guimarães, Cerco do Porto, Atlético de Rio Tinto, Sport Progresso, Varzim e Beira-Mar. (Não esquecer que há outros jogos ainda em agenda à espera de resposta.)

Tem sido uma festa com todos estes clubes. No Boavista até houve uma churrascada, oferecida, claro, pelas gentes do Boavista.

Agora fomos jogar ao Beira-Mar. Recebidos com tanto carinho, tanta dedicação que ninguém imagina! Chegámos ao Estádio Mário Duarte e estavam à nossa espera: o senhor Rufino, pessoa com quem contactei desde a primeira hora; o treinador dos rapazes do Beira-Mar; depois, apresentaram-nos um director, etc. Aliás, isto também aconteceu com os outros clubes.

Saímos de Casa com bom tempo e chegámos a Aveiro debaixo de chuva. Mesmo assim, passámos uma vista de olhos às instalações. Depois, equipámo-nos e fizemos o aquecimento no campo de treinos.

Regressámos à cabina para recebermos as últimas instruções. Somos um grupo de miúdos e, por isso, não gostamos de trocar impressões no meio do campo. Quando regressámos do aquecimento, deparei com a equipa de arbitragem. Também não era um árbitro qualquer, mas uma equipa federada!

Chegada a hora do grande jogo encaminhámo-nos para o túnel de acesso. Com as três equipas vestidas a rigor e devidamente alinhadas, entrámos no relvado principal do Estádio Mário Duarte. Bom, quando os nossos miúdos calcaram aquela relva, olharam para a assistência (alguns eram jogadores do próprio Beira-Mar) e deram uma olhadela por aquelas bancadas que noutros jogos estiveram repletas de gente para aplaudir os senhores do futebol. Os miúdos da Casa do Gaiato de Paço de Sousa sentiram-se grandes, como grandes são; não pelo seu tamanho, não pelo seu corpo, mas pelas muitas e bonitas atitudes que têm tido. Não há, neste momento, e Deus queira que em boa hora o diga, uma atitude que não seja de grande desportivismo e de grande civismo. Eles fazem questão de dizer, através das suas atitudes, que sabem o que querem e o que estão ali a fazer. O resultado, para eles, é secundário, muito embora gostássemos sempre de ganhar. Eles preferem dar uma boa imagem e deixar bem claro e bem alto o nome da nossa Obra.

Mas falando um pouco do jogo em si, correu tudo à mil maravilhas. Escorregadelas não faltaram! É normal, pois a nossas chuteiras são... daquelas que quase não têm pitões e, as que têm, também não são próprias para estes campos de futebol.

Debaixo de chuva, o jogo foi bonito de ver. Não era por acaso que daquela gente — e não era assim tão pouca! — as palmas surgiam com frequência, tanto para a nossa equipa como para a do Beira-Mar. Foi bonito! A nossa equipa bateu-se bem. Teve garra, força de vontade, como sempre tem tido, na procura de fazer cada vez mais e melhor. Eu não sei se deva destacar aqui algum dos nossos atletas, pela sua valentia e pela sua garra — mas todos deram o seu melhor. Também seria injusto se não fosse aqui sublinhado o nome do Ilídio que, apesar de substituído (por lesão), e debaixo de uma grande salva de palmas,

RETALHOS DE VIDA

Abílio



Sou o Abílio António Barros Polónia. Nasci a 12 de Março de 1988, na freguesia de Massarelos, da Cidade do Porto. Tenho, portanto, doze anos. Vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, a 5 de Julho de 1998 porque a minha mãe não tinha capacidade para cuidar de mim!

Quando era pequeno, ela pôs-me num colégio. Pelo que dizem, nessa altura teria um ano. Os meus padrinhos, no entanto, com saudades, foram lá buscar-me.

Já mais crescido, portava-me mal! Os meus padrinhos sofriram, por isso. Tirava dinheiro à minha madrinha..., que deu fé. Tanto que, um dia, perguntou se eu queria ir para a Obra do Padre Américo. Claro, disse que sim.

Frequento, agora, a quarta-classe da Escola Primária. Estou aqui muito bem, graças a Deus. Gosto da vida em nossa Aldeia, com muitos amigos para brincar connosco.

Abílio



Festas

Coimbra

As nossas Festas serão a actividade mais absorvente da nossa vida ao longo do mês de Junho. Vale a pena o sacrifício e alguma desorganização de vida que comportam.

São inumeráveis os motivos que nos movem ao realizá-las nas principais Vilas e Cidades desta zona do Centro do País.

Sempre pensámos que a venda d'O GAIATO era, antes de tudo, uma presença familiar da Obra da Rua junto das pessoas. Agora que a venda acabou, sentimos as nossas Festas como um sucedâneo indispensável dessa presença no coração dos nossos Amigos. É também com agrado que registamos a partilha de bens que proporcionam, constituindo mais uma fonte de receita a fazer face ao nosso «orçamento» familiar.

Por outro lado havemos de considerar também o seu efeito sobre os rapazes-actores e artistas das mesmas. O aprender «a dizer», o assumir pessoal desta ou daquela personagem, o burilar dos gestos, da voz e do corpo são verdadeiras lições educativas.

E se fôssemos capazes de abranger o que elas suscitam, em sentimentos e afectos na alma de todos os que enchem as salas de espectáculos «p'ra ver os meninos», quantas outras considerações, não deveríamos fazer...

As nossas Festas aí estão:

P.S. — Depois da sua vida gasta incansavelmente ao serviço dos Gaiatos e dos Pobres, voou para o Céu o nosso querido Padre Horácio. Apesar do seu estado de saúde débil, não o esperávamos tão repentinamente. Faz-nos muita falta a sua presença a que nos tínhamos habituado.

Que junto do Pai Américo e do Pai do Céu ele peça por todos nós. Nós não o esqueceremos.

Padre João

27 de Maio — 21.30 h, salão de festas da Casa do Gaiato, MIRANDA DO CORVO.

28 de Maio — 21.30 h, Cine-Teatro da LOUSÁ.

2 de Junho — 21.30 h, Cine-Teatro da COVILHÃ.

3 de Junho — 15.30 h, Auditório do Instituto da Juventude, CASTELO BRANCO.

4 de Junho — 21.30 h, Teatro Alves Coelho, ARGANIL.

9 de Julho — 21.30 h, salão dos Bombeiros Voluntários, CANTANHEDE.

11 de Junho — 21.30 h, salão dos Bombeiros Voluntários, MEALHADA.

16 de Junho — 21.30 h, salão dos Bombeiros Voluntários, TOMAR.

17 de Junho — 21.30 h, salão da Casa do Povo, MIRA.

18 de Junho — 16.00 h, Casino da FIGUEIRA DA FOZ.

23 de Junho — 21.30 h, salão do Centro Paroquial de FEBRES.

24 de Junho — 21.30 h, em um recinto de AVEIRO.

25 de Junho — 21.00 h, salão dos Bombeiros Voluntários, ANADIA.

30 de Junho — 21.30 h, salão polivalente da Igreja de S. José, COIMBRA

Oportunamente confirmaremos Leiria.

Lisboa

20 de Maio — 15.30 h, Cine-Teatro de LOURES.

28 de Maio — 15.30, Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, LISBOA.

4 de Junho — 15,30 h, Salão da Igreja de RIO DE MOURO.

Setúbal

20 de Maio — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Humanitária, PALMELA.

27 de Maio — 21.30 h, PINHAL NOVO.

11 de Junho — 16.30 h, Salão Paroquial, MONTIJO.

17 de Junho — 21.30 h, Sociedade Incrível Almadense, ALMADA. (Na edição anterior, por lapso, indicámos outra data).

Junho — (em data a anunciar) Grupo Desportivo e Recreativo de SESIMBRA.

24 de Junho — 21.30 h, Escola Salesiana do ESTORIL.

8 de Julho — 21.30 h, Luísa Todi, SETÚBAL.

Uma carta

Recordações

«Sou filha de alguém que costumava abraçar, com carinho, qualquer rapaz da Casa do Gaiato, e que por sua vez soube transmitir aos seus filhos os bons valores da vida. Em determinada

ainda hoje estou para saber aonde ele arranja tanta força e tanta garra. Parabéns Ilídio! Apetecia falar de todos, mas, para já, quero dar também os parabéns ao estreante António Sérgio e, depois, na segunda parte, ao «Teixugueira» que, muito embora tenha *palmo e meio*, não deixa ficar o seu trabalho por mãos alheias. Ele faz questão de mergulhar aos pés do adversário, para que a bola seja dele. O saber respeitar o lugar para que são indigitados pelo treinador é a prova cabal da capacidade de cada um mostrar aquilo que realmente vale.

Claro que o resultado do jogo foi positivo para o lado do Beira-Mar! No final tínhamos à nossa espera um saquinho para cada um com a respectiva menda, galhardetes, o emblema do clube, etc.

Trouxemos daquela gente a promessa-certeza da sua visita a nossa Casa, em data a combinar.

A todos, bem haja!

Alberto («Resende»)

fase da vida do meu pai (ele já não está, entre nós, há um ano e meio) contactámos directamente com esses jovens e crianças — pois possuíamos um estabelecimento comercial. Sempre foram acarinhados! Lembro, e se a memória não me falha, que, de quinze em quinze dias, lá aguardávamos pelos pequenos gaiatos com ansiedade. Recordo que, certo dia, o pequenote que nos visitava fazia anos. Como a nossa loja ficava por cima dum forno, foi fácil mandar-lhe fazer o bolo de aniversário. E lá fizemos a pequena festa à hora de almoço em nossa humilde casa. Tudo o que havia, e dentro das nossas limitações, era pouco para aqueles miúdos para quem a vida tinha sido madrastra. Também o meu pai preferia dar a essas crianças, do que vender ao desbarato.

Há alguns anos, regresssei à minha terra. Deixei o emprego com um vencimento jeitoso, por uma questão de opção familiar. Desde há aproximadamente seis anos que procurava trabalho que me realizasse. Quis Deus, de há um mês para cá, que me encon-

trasse na minha vida profissional. E foi ao receber o correio na Escola, onde trabalho, que apareceu O GAIATO. Que boas recordações! Senti vontade de repartir um pouquinho

daquilo com que fui agraciada. Em troca, só peço que incluam em vossas intenções uma pequena oração por alma daquele que me ensinou a ser gente.

Emília»

Lubango, minha terra natal

A minha vida é triste como a Fenda assombrada como a Tunda-Vala grande como o Cristo Rei sorridente como a Cascata!...

Bela como a Senhora do Monte limpa como as águas das pedras das montanhas da nossa cidade onde o sol sempre nasce cantando a alegria da vida humana.

A brisa sopra suavemente. Os pássaros cantam alegres do nascer ao pôr do Sol.

As águas da piscina reflectem luz que ninguém pode descrever. Brilha mais que a prata, mais que o ouro este espelho, este tesouro.

A Deus, que este pequeno paraíso deu, eu rogo que me leve a ver o Céu!

Orlando

DOCTRINA

Episódios



NA igreja da Foz do Douro deram-se episódios a que eu não estava afeito. Ele tem acontecido, por vezes, sacudirem o porta-moedas dentro da saca pedinte. Sim, tem. Porém, porta-moedas e tudo — só desta vez! Continha três notas de cinquenta, uma de vinte, uma placa de dez e um tostão. Podia relatar outros episódios, mas este basta para que tu vejas e acredites nas Obras de Deus e não olhes nem comentas o Padre Américo que vale tanto como tu. Deram-me ali perto de seis contos.

DE Santo Ildefonso, onde antes pedira, chegaram ecos do mesmo valor. Em uma carta cheia de luz, um ferido de amor diz ser pobre, doente e quase cego e envia 5\$00 em selos. Mais diz que os CTT deviam isentar de franquia as Casas do Gaiato. Na mesma carta lê-se, também, a seguinte notícia: «Junto de mim, uma pobre operária que trabalha com grande sacrifício por ser doente, pediu-me 5\$00 emprestados. Dei-lhe uma moeda de 2\$50 e a pobrezinha (sempre a Viúva do Evangelho) lançou a moeda dentro da saca com lágrimas do coração».

MAIS: Sei que no comboio alguém pede para um cobertor que foi entregar no 54 dos Clérigos. E dali retirei, ainda, um envelope com dinheiro, mais dinheiros avulsos, mais um pacote de massa, mais um de roupas e mais outro, idem. Uma casa de ferragens deu por paga, sem dinheiro, a factura do que lá se comprou. Um armazém de café quer dar dois quilos por mês.

MAIS: Visitantes, dentro de seus automóveis, vêm ver com seus olhos se é verdade o que ouvem nas igrejas do Porto e deixam carapuçadas de notas, conteúdos. Os pastores também foram ver, com seus olhos, se era verdade o que os anjos disseram! O que estes ouviram dos anjos e o que eu prego nas igrejas é tudo a mesma Palavra! Ai de mim se me enfeitasse para falar nos púlpitos! Ai das Casas do Gaiato se eu acreditasse que são Obra minha!

MAIS 300\$00. Um «amigo do Padre Américo», de Lisboa, escreve um postal a pedir que eu diga qual o número de luvas que uso e se pretas ou amarelas, pois deseja oferecer-me um par. Oh meu senhor, dê-me antes luvas para os pés! Peúgas pretas números onze ou dez e meio. Ando com elas de cor por não ter pretas, em riscos de ser acusado ao meu Bispo!

NÓS precisamos de um dispensário-farmácia na Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Precisamos. Agora que me ocupo da pequenina fauna do Porto, colhi mais uma experiência: não sabia que são tão combalidos os vadiozitos desta cidade — não sabia. Nem posso ir buscar mais nenhum sem ter serviço completo de assistência médica. A Criança tem direito à verdade.

JÁ temos médico. Andam operários a trabalhar. Montagem e medicamentos estão em curso. Foge dos homens apaixonados..., se podes. O dispensário vai igualmente servir o bom povo das nossas aldeias. Sobretudo as mães pobres, grávidas e lactantes, com alimentos e medicamentos para que exerçam em cheio a sua nobre função.

O. Américo 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

BENGUELA

Duas velas acesas

ACENDEU-SE uma grande vela, logo de manhã. Era o dia da mãe. Ela é vida. Nela está a central do amor. Apetece-me chamar-lhe a figura mais importante da Humanidade. Há uma coincidência feliz: A ligação do dia da mãe com a Mulher que Deus escolheu, desde sempre, para ser Mãe do Seu Filho e Mãe nossa. A mãe está reservado um pedestal que nada nem ninguém devia ousar profanar. A primeira no amor verdadeiro que é serviço. A maternidade física não esgota o ser mãe. A maternidade espiritual é capaz de encher o coração da mulher, quando ela se dá, por amor, aos filhos que perderam a mãe. Mulher sem coração de mãe... é difícil de entender!

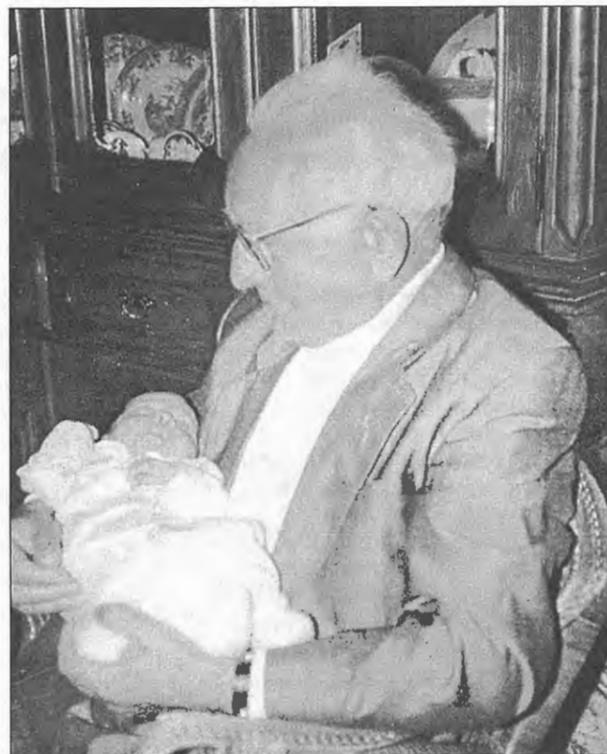
OUTRA vela acendeu-se no coração do Pai e apagou-se aos nossos olhos! Enquanto ia reflectindo estas notas, a meio da tarde de domingo, Padre Acílio telefona a comunicar a morte do nosso Padre Horácio. Surpresa, em todos os sentidos! Deus é assim, é surpreendente. Manifesta-SE de muitas maneiras; algumas vezes, como um agulhão a fazer-nos estremecer.

O senhor Padre Horácio recebeu a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo como herança de Pai Américo. Ali consumiu a maior parte da sua vida, gerando para a vida a multidão de filhos da rua que Deus lhe deu. Foi, na verdade, o grão de trigo que caiu no sulco e deu muito fruto.

Deus passou e levou-o no seu posto de serviço. O Património dos Pobres é testemunha do seu trabalho incansável, após ter deixado o leme da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Foi um exemplo muito vivo de como na Vinha do Senhor, que é também a Obra da Rua, há lugar para o serviço até ao último suspiro. Soube encontrar sempre o seu lugar.

Sempre vi no Padre Horácio o irmão mais velho, verdadeiramente amigo, humilde, companheiro que irradiava boa disposição, sempre pronto a dar a mão. Eu, pessoalmente, e a nossa Casa do Gaiato de Benguela somos testemunhas. Lembro-me das muitas vezes em que, como irmão mais velho, pedia conselho. Era capaz de admirar as maravilhas realizadas por Deus em seus companheiros e agradecer. O Padre Horácio foi Homem de Fé. Foi coluna. Caiu no seu posto. Foi pobre. Muito pobre. Uma das grandes manifestações da sua Pobreza, a meu ver, foi a passagem do testemunho da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo ao Padre João. Era o seu tesouro; e deu-o, em fidelidade à sua missão.

Gostaria muito de acompanhar o seu corpo à sepultura no cemitério da sua aldeia. Era companheiro muito amigo, nas vezes que ia a Portugal. Acompanho-o, espiritualmente, em profunda união com os meus irmãos Padres da Rua e todos os amigos que o conheceram e amaram. Sei que uma vela se apagou na terra; outra maior, porém, se acendeu no seio do Pai.



A morte do senhor Padre Horácio foi uma passagem de Deus pela Obra da Rua, assim creio. Que nos quis dizer? É um sinal do amor de Deus que é sempre fecundo. Este ano, dois novos padres serão ordenados. Obrigado!

Padre Manuel António

PENSAMENTO

A Beleza é alimento da alma.

PAI AMÉRICO

Padre Horácio

Continuação da página 1

por uma proposta de remédio, ao menos uma réstea de esperança nele). Passado, porém, pouco tempo, Padre Horácio recuperava desta tendência e obtinha o placet do mestre: «O rapaz já conseguiu o equilíbrio nos seus escritos».

Todas estas lembranças me vêm, ao ler o título do seu último escrito para O GAIATO. E fico contente porque terminou assim a sua carreira de «jornalista»: com «Notícias cheias de Esperança».

Foram cinquenta anos que passaram num instante. Fã-los-ia de Padre no 13 de Agosto que aí vem; e de Padre da Rua um mês depois. A Casa de Miranda do Corvo foi o altar do seu sacrifício e da sua glória. Quantas gerações de Rapazes ele gerou para uma vida nova! Muitos, muitos, ontem, choravam em volta do seu caixão. Um deles, bem singrado na vida, apertando-me, balbucionou convulsivamente: «Ele foi o meu pai!»

Na saúde e na doença, sempre parco em queixas, aceitando por igual as forças e a falta delas («Deus me deu, Deus me tirou — bendito seja o Nome do Senhor!») deixou-nos um exemplo admirável de como se cumpre o ofício de viver. Morreu simplesmente como sempre viveu.

Padre Carlos

ENCONTROS em Lisboa

Há vidas que deixam marcas

NESTE momento em que nos despedimos de Padre Horácio, gostaria de deixar aqui breve testemunho de como há vidas que nos deixam marcas.

Antes de mais, um irmão no sacerdócio. Conheci-o quando tinha os meus dezasseis ou dezassete anos e a minha cabeça andava cheia de teorias. Eu estava no Seminário e impressionou-me o seu porte sorridente, discreto e simples. Não digo que tivesse tido influência na minha decisão vocacional, mas constituiu uma referência pela

diferença. Já Padre voltei a encontrar-me com ele muitas vezes. A mesma serenidade, alegria na entrega ao serviço dos homens, testemunho de fé nos momentos difíceis, compreensão para as minhas entradas de jovem inexperiente. Marcou-me muito nestes meus inícios de Padre a sua fidelidade.

Padre Horácio foi um amigo. Recordo-me que em meados de Maio de 1986 foi a primeira pessoa a quem me dirigi para lhe perguntar se estavam dispostos a receber-me na Obra por um ano. Foi tão carinhoso que sempre que

vou a Miranda do Corvo me recordo do local onde conversámos. Levantou-me amigavelmente algumas questões sobre o meu percurso, explicando-me que o trabalho na Obra era muito diferente. Foi também em suas mãos que coloquei o pouco dinheiro que me restava, no dia 8 de Dezembro de 1986. Mais uma vez me chamou a atenção para que não me precipitasse, que podia precisar. Sabendo do meu hábito do café, algumas vezes pegou em mim e disse-me: — *Vamos tomar um cafezinho*. Depois, foi sempre alguém que me telefonava com muita frequência a saber como andava.

Foi também um companheiro nesta aventura. Os seus conselhos, a sua experiência, a forma simples como me abria caminhos, a forma como me encorajava. Várias vezes me desloquei para lhe pedir conselho e muitas vezes era ele que vinha ter comigo. Quanto gostava de conversar com ele, de receber o seu abraço, de ouvir: — *Não tenha medo, avance!* E os Pobres, na sua boca, ganhavam dignidade, tornavam-se grandes e preciosos que entusiasmava dar a vida por eles. Vai-me fazer muita falta esta companhia!

Foi para mim uma testemunha do Reino. A sua simplicidade e alegria, mesmo diante de enormes tempestades da vida, tinham a marca do Ressuscitado. A sua pobreza de meios e de coisas falavam de alguém que não colocou aqui as suas esperanças. O seu amor aos Rapazes e aos Pobres anunciavam bem-aventurança. A sua disponibilidade deixava antever o mistério do grão de trigo: é preciso morrer para que outros tenham vida. A forma como me falou de Padre Américo tinha o sabor de um testemunho vivo que não se aprende nos livros.

Até amanhã Padre Horácio. Animados pela mesma fé, continuamos o nosso caminho, esperando o dia do encontro final com o Senhor Jesus. Graças a Deus pela vida que lhe deu. Muito obrigado por tudo o que recebi.

Padre Manuel Cristóvão

SETÚBAL

Ligeiro testemunho

QUIS a Misericórdia de Deus que eu tivesse a graça inaudita de viver os últimos momentos da vida de Padre Horácio.

Veio a Setúbal, à nossa Casa do Gaiato, como era sua costumada expressão, desta vez, para nos dar a alegria da sua presença na nossa Festa de Cabanas, no último seis de Maio.

A morte surpreendeu-o, repentinamente, uma hora, após a chegada. Administrei-lhe a Santa Unção e, com um grito, reuni os rapazes que se apinharam à nossa volta a rezar.

Foi um momento curto, mas de grande oração!

Pelo Padre Horácio aprendi que a pobreza de coração e de vida era o grande argumento

capaz de derrubar os corações humanos e lhes manifestar Deus!

Por ele cheguei ao Padre Américo e me fiz devorador insaciável d'O GAIATO que cheguei a reler quatro e mais vezes cada número!

Por ele aprendi o que era uma Casa do Gaiato e me preparei minimamente para construir esta, de Setúbal, nas férias escolares que a partir dos últimos dias de 1953 sempre vivi na Casa do Gaiato de Coimbra, em Miranda do Corvo, e nas Coló-

nias de Férias do Garoto da Baixa, de Coimbra, na Senhora da Piedade de Tábuas, nas faldas da Serra da Lousã.

Em 1956, ano da morte inesperada do Padre Américo, trouxe-me para aqui, a 14 de Junho, logo após os exames do penúltimo ano do meu curso. Aqui passei todos os meses de Verão. Aqui veio ele morrer, como um amigo que busca outro amigo. Como um pai que procura um filho. Como um Mestre que deseja o discípulo.

Naturais da mesma paróquia, comungámos o mesmo ideal, semelhante paixão e profunda fraternidade.

À D. Maria da Luz que o acompanhou no Lar de Coimbra durante quarenta e dois anos, foi dado o consolo de lhe fechar os olhos; pois aqui se encontra a recuperar a saúde e as forças.

Padre Horácio, até já, que o tempo é breve.

Rapidamente nos encontraremos na *Comunhão* de Deus.

Padre Acílio